

teológica à medida que pronuncia-mentos, opções políticas, parti-cipações em outros organismos po-líticos e sociais, etc. vão aconte-cendo.

Alguns observadores do fenô-meno pentecostal têm mostrado que as mudanças e articulações novas, a nível de participação so-cial estão exigindo também mu-danças e reflexões sobre suas con-cepções teológicas.

Conclusão

As Igrejas pentecostais come-çam a produzir e a traduzir obras teológicas no Brasil. As traduções de obras teológicas mostram pre-ferência por autores pentecostais e não pentecostais do começo do século que vêm positivamente a base dos quatro pontos menciona-dos. Algumas obras de presbite-rianos e batistas americanos estão sendo reeditadas. São ainda pou-cos os teólogos pentecostais que ousam escrever obras particular-mente teológicas. Os seminários pentecostais são relativamente re-centes no Brasil. Mas, estamos, sem dúvida no aguardo de produ-ção teológica própria de autores pentecostais brasileiros. O surgi-

mento de interlocutores deverá facilitar a compreensão teológica do fenômeno pentecostal, bem como a mútua influência também sob o ponto de vista teológico. Em várias partes do mundo nasce essa preocupação com o pentecostalis-mo e que, segundo alguns estudi-osos talvez seja um dos três ou quatro acontecimentos da Igreja no séc XX que deverá fazer parte obri-gatoriamente dos manuais de his-tória eclesiástica, com melhores elucidções sobre as fontes e o sen-tido das afirmações teológicas dis-tintivas do pentecostalismo, além dos tradicionais enfoques das ciên-cias sociais. A mútua elucidção poderá ser um dos fatores mais fortes na evolução do movimento pentecostal (no momento em que começa no Brasil sua produção de perfil mais teológico) bem como ajudar a sua melhor compreensão por parte de teólogos de outras tradições.

Rev. Rui Josgrilberg é Doutor em Ciências da Religião na França, e Reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.
End.: Caixa Postal 5151
09731-970 S. Bernardo do Campo - SP

PENTECOSTALISMO - DESAFIOS E PERSPECTIVAS PASTORAIS

P. Oneide Bobsin

OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Foi-me solicitado pela Comis-são organizadora deste seminário uma síntese das palestras e das dis-cussões decorrentes delas, com o objetivo de abrir pistas para a dis-cussão em grupos cujos resultados pudessem constituir em pontos de partida para um diálogo com o pentecostalismo em suas múltiplas manifestações. Tendo isto em vis-ta, a minha exposição fora coloca-da entre uma série de palestras num enfoque interdisciplinar e o traba-lho em grupo que teve como alvo a elaboração de um documento para as Igrejas filiadas ao CONIC.

Como síntese em busca de pis-tas pastorais, o presente texto não reflete a riqueza de dados coloca-dos pelas palestras e as questões pastorais levantadas no debate e nos trabalhos em grupos.

As exposições proporcionaram uma visão complexiva de pentecos-talismo e suscitaram muitas per-guntas na perspectiva teológico-pastoral. Desta forma, o que no início parecia um diálogo truncado entre os conteúdos das palestras e as perguntas pastorais um tanto imedialistas veio a se constituir numa riqueza em termos de análi-se e de perspectivas para um possí-

vel diálogo com os pentecostais. Indubitavelmente, o diálogo entre as ciências humanas e as interro-gações da teologia e da pastoral é tão difícil quanto dar passos ecu-mênicos entre as Igrejas históricas e o pentecostalismo. Contudo, é no mapeamento das dificuldades do diálogo entre linguagens com "có-digos" diferentes que se delineiam caminhos para uma aproximação motivada pelo respeito ao diferente.

No horizonte da busca do co-nhecimento do "outro diferente", a contribuição das ciências sociais, especialmente da antropologia, tem sido muito importante. Tanto a antropologia quanto a história das religiões nos ajudam a derrubar muros, cercas e preconceitos para que se possa ver a riqueza do "ou-tro diferente", no caso o pentecos-talismo em suas múltiplas manifes-tações. Da mesma forma, o diálo-go com o diferente poderá realçar características desconhecidas do "nosso lado". Nestas perspectivas, as Igrejas podem lançar mão das ciências humanas como instrumen-tos que favorecerão o ecumenis-mo. Precisamos nos reconhecer no "outro".

Para que isto possa acontecer é fundamental a crítica aos resíduos de uma evangelização colonizado-

ra que desqualifica o "outro diferente" para dominá-lo. A evangelização precisa romper o etnocentrismo e recuperar com firmeza a concepção teológica segundo a qual Deus é o OUTRO, totalmente diferente. Desta forma poderemos fugir da religião como projeção antropológica e questionar a forte tendência "eclesiasticocêntrica" confessionalista que impede a percepção da multiforme graça de Deus. Nesta perspectiva, perspectiva do diálogo pode-se relegar para em segundo plano a vida e a preservação das Instituições e priorizar os dramas espirituais e sociais do povo, sobretudo dos marginalizados e excluídos.

Jamais podemos esquecer que por trás das "máscaras" religiosas há uma pessoa que clama por vida, amor, carinho e beleza, cujo rosto reflete a imagem divina.

1. A BUSCA DO ECLETISMO

As exposições a partir da história, sociologia, antropologia, psicologia e teologia revelaram o quão complexo é o fenômeno religioso pentecostal. Também nos apercebemos que dentro de cada ramo da ciência existem interpretações conflitantes e afins do mesmo fenômeno.

As abordagens usuais e as perspectivas sociológicas apontam para a complexidade do fenômeno e variedade de interpretações.

Como exemplo da necessidade do ecletismo teórico para a compreensão do pentecostalismo ou de outros fenômenos religiosos, seguem alguns tópicos extraídos das palestras. Restrinjo-me ao campo das Ciências Sociais, por conhecê-lo melhor.

Na perspectiva da sociologia funcionalista, o crescimento pentecostal é visto como resposta a anomia. A ausência de regras decorre do desenraizamento social por causa da migração, industrialização e urbanização. Segundo esta tendência sociológica, o pentecostalismo cresce porque desempenha as funções de integração do indivíduo a uma nova realidade e de "cura".

Distanciando-se da sociologia funcionalista há quem afirme que a expansão pentecostal está relacionada ao fato de que os "meios de produção dos bens religiosos" foram socializados, invertendo, assim, no plano simbólico e estrutura das empresas e das Igrejas. Grande parte dos fiéis torna-se produtor direto de bens simbólicos, rompendo, desta forma, com a estrutura eclesial segundo a qual o clero produz e o laicato consome passivamente. Evidente que estamos exagerando com esta imagem. Sabemos que a questão é bem mais complexa. O laicato jamais é um consumidor passivo de bens religiosos. A transmutação dos signos entre clero e laicato é muito grande.

Para outros historiadores e sociólogos, o pentecostalismo representa um passo importante na perspectiva da modernização, com forte tendência democratizante. Representaria de certa forma a ruptura com o mundo religioso católico tradicional conservador e hierárquico. Assim, o protestantismo em geral e o Pentecostalismo em particular, com a ênfase na responsabilidade individual, favorecia a democracia liberal. Evidente que outros pesquisadores do protestantismo afirmam justamente o contrário. Faz-se, aqui, apenas uma breve menção destas tendências de interpretação. Temos consciência do perigo das sínteses. Tópicos são tópicos.

Partindo da idéia de modernização buscou-se questionar o conceito de anomia e acentuar a hipótese segundo a qual o pentecostalismo abre espaços para que as camadas pobres possam lutar pela sobrevivência. Neste sentido, o pentecostalismo seria uma estratégia de sobrevivência. Com os símbolos do pentecostalismo as pessoas estariam mais "aparelhadas" para superar a situação na qual os pobres se encontram. Entende-se esta "estratégia de sobrevivência" tanto na esfera material quanto espiritual, no sentido de tornar a vida viável. Por exemplo, o pentecostalismo pode reconstituir os laços familiares quando o marido supera, pela força da religião, a dependência do álcool. Este refa-

zer-se da família por meio da conversão poderá representar uma melhora no orçamento doméstico, o que não significa uma ascensão social ou doação de uma ética econômica calvinista, segundo Max Weber.

Nos debates e diálogos durante o seminário o "fantasma" do "neo pentecostalismo" fazia suas aparições constantemente. Parece-nos que o sucesso deste pentecostalismo denuncia a nossa incapacidade de crescimento. Infelizmente temos medo de sermos ou de nos tornarmos minoria. Concordo com o teólogo Juan Luis Segundo, quando afirma o caráter minoritário do cristianismo. Penso que não devíamos nos impressionar com o sucesso dos outros. Além disso, deveríamos ser mais cautelosos nas análises que fazemos do pentecostalismo de "terceira onda", que possui afinidades com a sociedade que já superou as características da segunda revolução industrial. Suspeitou que os "protestantes históricos" ainda estão ligados à sociedade do trabalho, da qual teve como interlocutor das "classes incluídas" apenas setores médios e indivíduos da classe dominante.

Nas discussões posteriores às palestras, o "neopentecostalismo" sempre era analisado a partir da idéia de mercado, onde predominam as relações de trocas simbólicas mediadas pelo dinheiro. Também fomos lembrados da unilateralidade de nossa crítica. Sempre

criticamos quem coage a dar, e não nos perguntamos pelas razões de quem dá tantos reais para os templos dos diversos ramos do "pentecostalismo de terceira onda". Suspeita-se que o nosso paternalismo em relação às massas impedem de vermos o lado de quem sente-se coagido a dar dinheiro.

Não obstante sustentarmos a concepção de que a graça de Deus é incompatível com a idéia de mercados e "comercialização dos bens simbólicos", não podemos esquecer que tudo o que criticamos no "neopentecostalismo" está de forma tímida presente em nossas Igrejas. Seguindo uma pista aberta por Hugo Assmann, poder-se-ia dizer que os "novos movimentos religiosos" exacerbam aspectos que tentamos esconder em nossas Igrejas tradicionais. As trocas entre pessoas e divindades é uma constante nas religiões. Evidente que numa situação onde o mercado se impõe como messias do mundo, superando a ética do trabalho, o "toma lá da cá" encontra nas religiões espaços e motivação para refletir e influenciar a lógica do sistema dominante.

2. PISTAS E DESAFIOS PASTORAIS

Mesmo que as ciências sociais sejam metodologicamente atérias, nada impede que a teologia e a pastoral façam uso de seu instrumental, bem como de seus resultados.

Nesta perspectiva, poderíamos deduzir, da análise funcionalista, a idéia segundo a qual as pastorais das Igrejas pudessem, através de seus cultos, constituírem-se em espaços de acolhimento, reforçando a identidade de quem passou pelo processo de anomia. Além disso, poder-se-ia "copiar os modelos terapêuticos" e desenvolver uma pastoral da saúde. Parece-nos que a questão é mais complexa. É óbvio que uma comunidade acolhedora, mesmo tradicional, poderá se constituir num espaço de reforço identitário. Mas o pentecostalismo significa muito mais do que uma ação pastoral isolada ou uma técnica de acolhimento.

De grande importância para as Igrejas históricas é a busca de uma pastoral da saúde. Evidente que não se deve imitar certos "curandeirismos". Mas não se pode esquecer que a doença e a angústia decorrente dela constituem-se num momento de desorganização do "centro" da vida. Saúde e salvação ou religião estão muito próximos. Neste "centro" entrecruzam-se indivíduo e o social, corpo e política, vida e morte, etc. Da mesma forma, a "cura" não pode ser vista como um mecanismo isolado no pentecostalismo. Ela faz parte de um todo indivisível...

Da perspectiva analítica que se baseia na idéia de que o crescimento do pentecostalismo relaciona-se com a socialização do poder

religioso poder-se-ia delinear uma estratégia pastoral para a superação da divisão social do trabalho religioso entre clero e leigos nas Igrejas filiadas ao CONIC? Novamente devemos destacar que o transplante de modelos de ação de movimentos religiosos para estruturas eclesiais seculares não resultará em garantia de "sucesso". No entanto, a descentralização do poder eclesial poderá gerar uma tensão dinamizadora nas velhas estruturas de Igrejas, mas não reproduzirá o impacto das "seitas". Copiar aspectos de outros movimentos religiosos para adaptá-los a instituições multiseculares pode redundar em fracassos, pois cada religião é uma "totalidade" em si.

Como lidar na pastoral das Igrejas tradicionais com a idéia de que os "novos" movimentos religiosos "equipam" melhor as pessoas para lutar pela sobrevivência? Novamente estamos diante de uma questão muito complexa. Suspeito que a "lógica" do movimento pentecostal e de outros fenômenos que estão numa fase instituinte difere dos "códigos" das religiões instituídas. Para exemplificar o que estou querendo expressar apelo para o título de uma obra de Lévi-Strauss "*O Pensamento Selvagem*". Recorrer a este título não implica aqui em reproduzi-lo para nosso uso imediato. O título desta obra suscita as noções de "selvagem" e "do-

méstico". Levanto como uma idéia tanto vaga que nos movimentos religiosos, como o pentecostalismo, o sagrado se expressa de forma "selvagem", ao passo que nas instituições eclesiais ele fora "domesticado" pelos ritos, dogmas, liturgias, regulamentos, etc. No descenso social ou nas situações limites da vida, o sagrado selvagem está mais próximo e disponível para a "manipulação" do fiel. Nas contingências, o mediato - mediação eclesial - perde espaço para o "imediatismo". Isto se expressa com mais vigor onde a cidadania é privilégio de uma pequena parcela da população neste prisma, as mediações institucionais tornam-se "inúteis" e, como consequência, há o reforço do imediatismo.

"SINCRETISMO"

Dois exemplos podem nos mostrar onde residem as dificuldades do diálogo das instituições eclesiais com o mundo religioso dos pobres. Retomamos aqui, a idéia de "sincretismo". Tomamos o primeiro exemplo da literatura brasileira. Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*, coloca na boca de seu personagem o seguinte discurso:

"Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente da religião: para

se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é salvação-da-alma...

Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito todas. Bebo água todo o rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de comprade meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas quando passo, vou no Mindubin, onde um Matias é crente metodista: a gente que acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me aquieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar - o tempo todo.

Muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégio, invariável...".

O segundo "exemplo" revela que a lógica de classificação das Igrejas configura-se numa idéia fora de lugar quando se trata da aproximação do universo popular. Assim foi colhido por Pierre Sanchis:

"Se você segue esta religião, você está dentro daquilo, você tem mais é que seguir. As religiões, todas, escravizam o homem. Mas se você já se dispôs a ser católico, a ser protestante, a ser candomblé, se você já dispôs àquilo, tem que seguir aquelas normas. Se você já está escravo, tem que seguir para

o resto da vida (...) Então acho que isto tem que ser certo. Se você é católico mesmo, tem que ser católico, se você é protestante (...) Não pode misturar. Tem que ser assim. Só que eu acho que você tem que fazer o que você se sente bem. (E se você se sente bem misturando?...). É, tem mais é que ficar. (e aqui na Bahia?...). As pessoas se sentem bem, muito bem, em geral se sentem realizadas. Eu acho que seria muito difícil você tentar separar essas duas coisas. O pessoal, a maioria não iria aceitar. Porque já é tipo uma religião essas duas coisas aí. Já misturou ali..."¹.

Alguns aspectos dos depoimentos acima merecem breves comentários. Em primeiro lugar, parece ser o acaso que organiza a fala tanto do personagem de Guimarães Rosa quanto do depoimento colhido por Pierre Sanchis. Como segundo ponto destacamos que a subjetividade explicitada nos depoimentos demonstra uma certa insubordinação dos indivíduos a uma religião institucionalizada. Assim, vemos o indivíduo emergir ao "misturar" tudo. Neste sentido, um aspecto da modernidade se faz presente ao lado de outros que são pré e pós-moderno. Acresce-se a esta percepção a suspeita de que a religião-de-igreja² mais normatiza a vida. Com isto, a religião institucionalizada perde em influência ética.

Conseqüentemente, a busca do sagrado "selvagem" não mais se pauta pela identificação com um conjunto de regras e rituais normatizados pelas Igrejas³. Em outras palavras, a religião institucionalizada foi esvaziada em sua determinação ética. Simultaneamente, as Igrejas são submetidas ao "poder" do indivíduo. Ocorre uma certa inversão no universo sócio-religioso. No passado não muito distante, a força coercitiva da religião eclesiástica submetia as pessoas a certas regras de comportamento. Hoje, são as instituições religiosas tradicionais que se ajoelham diante dos indivíduos, assim como o vendedor de um produto se verga ao consumidor.

O pentecostalismo, com exceção de sua terceira fase, contradiz a tendência geral ao reforçar os mecanismos identitários e a ética. Ao introduzir a ruptura religiosa que delimita claramente sua oposição à religião predominante privilegiada a adesão pessoal como algo novo da sociedade brasileira, isto se pensamos nas camadas populares, pois o protestantismo de missão ou histórico já havia introduzido esta prática a partir de meados do século passado, mas não lograra sucesso numérico entre as camadas pobres.

No entanto, a ruptura com a religião da família e a construção de uma identidade "sectária", ao

mesmo tempo, podem representar um avanço se tivermos em vista a modernidade e uma dificuldade se pensarmos numa perspectiva ecumênica. O neófito transforma os santos em demônios.

Desta forma o catolicismo é visto pelos pentecostais como um sistema idolátrico que deve ser combatido pela "verdadeira" fé. Assim, uma "velha" regra da história das religiões se repete: "os deuses são transformados em demônios"

Com esta oposição ao catolicismo "idolátrico", o diálogo com os pentecostais passa por um caminho muito espinhoso no CONIC. Entre outros caminhos a serem buscados pelo diálogo talvez esteja a Renovação Carismática Católica. É apenas uma suspeita. Faltam-me informações para pensar além.

Também a concepção de Igreja hierárquica, centralizada no Vaticano, pode representar um outro nó de dificuldades para o diálogo com os pentecostais. Em relação às Igrejas Protestantes filiadas ao CONIC as dificuldades são de outra ordem, o que poderá favorecer a aproximação através de indivíduos ou grupos pentecostais. Também nestas Igrejas protestantes crescem movimentos que se assemelham à RCC. No entanto, o projeto expansionista numérico dos pentecostais e o "sucesso" no presente podem ser acrescidos como

1. SANCHIS, P. *O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?*, p. 112

2. LUCKMANN, T. *The Invisible Religion*, pp. 77-106

3. SANCHIS, P. *idem*, p. 92

outros problemas par uma possível diálogo. Mas as dificuldades não devem impedir a busca do sonho de que "todos sejam um", resguardando as identidades de cada grupo ou confissão. Resta saber, no entanto, se há disposição para o diálogo da parte quem está fazendo "sucesso".

Ao finalizar esta tentativa de resumo do Seminário sobre Pentecostalismo, na perspectiva de realçar os desafios e as pistas pastorais para o diálogo, remeto-vos a Italo Calvino. Podemos tomar como referência para a teologia e prática pastoral o que ele diz a respeito da função da literatura:

"Dado que me propus em cada uma destas conferências recomendar ao próximo milênio um valor que seja especialmente caro, o valor que hoje quero recomendar é precisamente este: numa época em que outros meios triunfam, dotados de uma velocidade espantosa e de um raio de ação extremamente extenso, arriscando reduzir toda a comunicação a uma crosta uniforme e homogênea, a função da literatura é a comunicação entre o que é diverso pelo fato de ser diverso, não embotando mas antes exaltando a diferença...⁴.

O respeito à diferença é a pré-condição para o ecumenismo e um questionamento do "sincretismo",

bem como um impulso necessário para evitar monopólios religiosos e esmaecer possíveis desenvolvimentos de identidades extremamente fortes e intolerantes, como ocorre na ex-Iugoslávia. As instituições, sejam eclesásticas ou políticas, devem ficar atentas para possíveis exacerbações e identidades religiosas fortes e intolerantes.

Por último, mas não menos importante, deve-se sempre insistir que o ecumenismo não pode ficar circunscrito às instituições eclesásticas e ao campo religioso. O projeto ecumênico deve romper muros e cercas que impedem a promoção da vida dos que estão à margem. Ele se imporá como movimento na medida em que se apoiar nos movimentos e programas que lutam contra o preconceito racial, o patriarcalismo e as desigualdades sociais, bem como se engajar na defesa da integridade da criação.

Sem derrubar muros e cercas dificilmente veremos a beleza do rosto de quem é diferente e que reflete a imagem divina.

P. Oneide Bobbin é Doutor em Ciências Sociais pela Puc e Pastor da IECLB.
End.: Rua Travessa dos Bororós, 42
93214-350 Sapucaia do Sul - RS

COMPREENDENDO O UNIVERSO PENTECOSTAL E ESTABELECENDO BASES PARA O DIÁLOGO

Rev. Ricardo Gondim Rodrigues

Em 1973 o jornal o Estado de São Paulo registrava que havia 10 milhões de protestantes no país, um número que segundo o jornal era o maior que o de genuínos católicos. O número de padres católicos registrados era de 13.000.000, enquanto o de pastores, na época, era de 17.000¹. O crescimento numérico da Igreja brasileira de acordo com a World Evangelization Crusade entre 1970-80 foi de 155% e entre 1980 1990 subiu a quase 200%. David Stoll considera o Brasil, juntamente com o Chile, um dos mais evangélicos países da América Latina². Suas projeções de crescimento quanto ao número de evangélicos brasileiros para o ano 2010 mostram que seremos 57% de nossa população professando a fé evangélica.

O fenômeno evangélico brasileiro notabilizou-se na mídia, vem sendo estudado na academia, e percebido pela sociedade. A presença evangélica não apenas tornou-se visível, talvez pela primeira vez, como se mostra cada vez mais agressiva em termos de conquistar espaços. Há hoje, segmentos evangélicos organizados cobrindo basi-

camente todos os segmentos da sociedade. Desde Atletas de Cristo, a Associação de Homens de Negócios, Grupo Evangélico da Polícia Militar, Artistas Plásticos organizando exposições em galerias, Movimento Evangélico Progressista, Marcha Para Jesus; além de uma presença maciça nos meios de comunicação, de uma vigorosa indústria editorial, um comércio de discos e fitas para fazer inveja a muito cantor de MPB. Ouve-se com maior frequência pessoas de notoriedade se convertendo, seja do submundo do crime, dos meios políticos, dos esportes, ou da indústria do entretenimento.

O mundo evangélico vem se pentecostalizando na mesma velocidade em que cresce numericamente. Em minhas andanças pelo Brasil e por meu trânsito nas mais diversas comunidades evangélicas, é possível dizer que mais de 90% do universo evangélico seja pentecostal em sua liturgia ou na sua teologia.

Primeiramente, há de se reconhecer que o universo pentecostal brasileiro parece ser complexo; ele

1. Stoll, Davi - *Is Latin America Turning Protestant* - U. California Press - P. 6

2. Stoll, David - *IBID*, página 8.

4. CALVINO, I. Seis Propostas..., p. 58